



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras da usina termelétrica Euzébio Rocha

Cubatão-SP, 12 de maio de 2009

Meu caro companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,
Meu caro companheiro deputado federal Márcio França,
Companheiros prefeitos,
Prefeita Márcia Rosa de Mendonça Silva, de Cubatão,
Sargento Barreto, de São Vicente – é vice, que está no exercício do poder. (incompreensível),
Companheiro João Paulo Tavares Papa, prefeito de Santos,
Companheira Maria Antonieta, do Guarujá,
Companheiro Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,
Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora de Gás e Energia da Petrobras,
Companheiro Paulo Roberto Costa, diretor de Abastecimento da Petrobras,
Senhores gerentes da Petrobras,
Diretores das empresas Skanska Brasil e Camargo Corrêa,
Companheiros trabalhadores,
Companheiras trabalhadoras,
Companheiros da imprensa,
Companheiras da imprensa,

Vocês viram como eu estou legal com a imprensa, não é? Basta ser legal comigo que eu serei legal com vocês. Eu acho que é por causa do Corinthians. Eu sei que eu estou em um reduto santista, mas também reconheço que a falta de opção, muitas vezes, faz com que as pessoas não



escolham o melhor, que é o Coringão.

No roteiro que fizeram para eu falar aqui, está contando um pouco a história do Euzébio Rocha. Eu vou contar, por uma razão: porque tem muita jovem, e eu sempre acho que quando nós somos jovens, nós temos o hábito de nos sentarmos à mesa para comer e reclamar da comida, sem saber o sacrifício que a mãe da gente teve para fazer a comida. Às vezes a gente até acha que não está boa a comida, mas a gente não se preocupa se faltou dinheiro ou não para comprar os condimentos para fazer a comida.

Então, para a gente chegar... Companheira Telma, há quanto tempo! O companheiro... Primeiro, colocar o nome nesta termelétrica, de Euzébio Rocha, eu penso que é uma homenagem justa que se faz a um dos homens que mais batalhou para que a gente criasse a Petrobras. A Petrobras não surgiu do acaso. Ela surgiu porque, um belo dia, um grupo de homens e um Presidente da República resolveram que era preciso o Brasil ter uma empresa de petróleo. E os que hoje negam a existência do Estado e dizem que o mercado vai resolver todos os problemas, são os mesmos que naquela época diziam que era irresponsabilidade o Brasil pensar em ter uma empresa de petróleo, que o Brasil deveria continuar importando petróleo. Mas um grupo de homens e mulheres saiu por este país fazendo pregações. E Euzébio Rocha, que nasceu no Rio de Janeiro em 1917, foi um dos fundadores do partido Trabalhista Brasileiro, de 1945. Nas eleições de dezembro daquele ano, tornou-se deputado federal constituinte pelo estado de São Paulo. Nacionalista, militante, ocupou uma das diretorias do Centro de Estudos de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional. Esse Centro, fundado em 1948, foi uma das vanguardas da campanha “O Petróleo é Nosso”. No mesmo ano, Euzébio Rocha chegou a sofrer violência policial em uma manifestação que defendia o monopólio nacional sobre o setor.

Em 1951, Getúlio Vargas enviou ao Congresso a lei que propunha a criação da Petrobras como uma empresa de sociedade mista, mas não previa



o monopólio nacional. Euzébio Rocha propôs, então, um substitutivo, que deixava mais claro o controle estatal sobre a nova companhia e previa o monopólio sobre a exploração de petróleo.

De acordo com alguns relatos, as ideias de Euzébio Rocha contavam com a simpatia do próprio Getúlio Vargas, que o teria incumbido de buscar apoio da oposição encabeçada pela União Democrática Nacional, a UDN, para a aprovação de um projeto que previsse o monopólio. Assim, em junho de 1952, a UDN apresentou seu próprio substitutivo, que afirmava o direito de exploração apenas à Petrobras. Desse projeto consensual entre diversos partidos políticos, nasceu a Lei 2.004, de 1953, que deu início à atual gigante do petróleo, a nossa querida Petrobras.

Após o fim de seu mandato, Euzébio Rocha candidatou-se por diversas vezes à Câmara dos Deputados, mas sem sucesso. Conseguiu, no máximo, a posição de suplente de 1958 a 1962. Em 1976, proferiu palestras em todo o Brasil, alertando sobre os contratos de risco que a Petrobras assinou com as companhias petrolíferas estrangeiras, para a exploração de petróleo. Aqui, só um dado: não foi a Petrobras que assinou, foi o presidente Geisel que determinou a Lei do Contrato de Risco, em 1975. E com essa bandeira, lançou-se candidato à Câmara em 1967 pelo PMDB, mas novamente conseguiu apenas uma suplência.

O Euzébio Rocha, em termos eleitorais, acho que teve um tempo que foi pior do que eu, em 82, 89, 94, 98. Bem, a partir de 1979, Euzébio Rocha dedicou-se a lecionar Direito na cidade paulista de São Carlos e, com o fim do bipartidarismo, filiou-se ao PDT em 1980, mas não conseguiu se eleger senador em 1982, e passou a fazer parte da executiva do partido e do instituto Alberto Pasqualini, órgão de formulação política do PDT. Sem nunca mais ter voltado ao Parlamento, o deputado, que foi um dos grandes responsáveis pela criação de uma Petrobras forte, pela reserva do mercado de petróleo, faleceu em 1995. Dois anos depois, o monopólio estatal sobre o petróleo foi quebrado.



Bem, companheiros e companheiras, se alguém me visse querendo entregar esses papéis aqui, poderia vir pegar.

Eu estou com muita fome. Nós não almoçamos para antecipar o ato aqui, porque hoje à tarde eu vou receber a equipe do Corinthians, e vou dizer que os trabalhadores da Petrobras mandaram um abraço para o Ronaldão.

Eu estava lendo esta história de Euzébio Rocha, porque muitas vezes no Brasil, pelo fato de a gente não compreender a história, a gente faz julgamentos precipitados, positivos ou negativos, das pessoas. Não é possível nenhuma nação, nenhum homem e nenhuma mulher crescerem na vida se eles não sonharem grande. Nós precisamos ter sonhos grandes, imaginação positiva, energia muito mais positiva para a gente vencer os obstáculos da vida. O Brasil, durante muito tempo o Brasil aprendeu que era um país pequeno, o Brasil aprendeu que era colônia, o Brasil aprendeu que não podia se insurgir contra aqueles que eram poderosos, sejam os poderosos da Europa, sejam os Estados Unidos, sejam outros países ricos. Então, o Brasil, embora seja uma nação extraordinária, de 8,5 milhões de km², um país de 190 milhões de habitantes, um país com universidades extraordinárias, um país com uma capacidade intelectual extraordinária, um país com um potencial exuberante de progressão, era um país que tinha vergonha de si mesmo, era um país que era inibido diante de outras pessoas e, portanto, era um país que não dava o salto de qualidade que precisava dar. Houve um tempo em que neste país tudo que era importado tinha valor, tudo que era produzido aqui era secundário.

Eu me lembro que, na campanha de 2002, eu levantei a discussão sobre a construção das plataformas da Petrobras aqui no Brasil. Eu me lembro que o então presidente da Petrobras, à época, fez até um artigo desaforado contra mim, na Gazeta Mercantil, dizendo que eu estava blasfemando porque a Petrobras não tinha competência para fazer plataformas aqui, e as plataformas feitas em Cingapura, na Coreia ou na Noruega – sei lá onde era – eram muito mais vantajosas para a Petrobras porque eles tinham mais tecnologia e porque



ficava mais barato. Aí começamos uma pendenga, uma boa pendenga. Eu fui ao Rio de Janeiro fazer encontro com o Sindicato dos Engenheiros, eu fui à indústria naval conversar com os empresários brasileiros, eu fui ao sindicato dos trabalhadores conversar com o sindicato dos trabalhadores, e fomos formando e consolidando a ideia de que o Brasil tinha condições, sim, de produzir plataformas aqui.

Isso parece que faz muito tempo, mas faz apenas sete anos. E nesses sete anos, o que aconteceu neste país? Hoje, de todas as plataformas produzidas pela Petrobras aqui no Brasil, mais de 70% dos componentes são brasileiros, feitos por trabalhadores e trabalhadoras brasileiros. Muitas vezes, se um diretor da Petrobras, querendo defender os interesses da Petrobras, disser para mim “Presidente, a mesma plataforma que nós fizemos aqui no Brasil, que custa US\$ 1 bilhão de dólares, [se for] feita na Coreia custa US\$ 900 milhões, portanto, do ponto de vista da Petrobras é mais barato”, ele está correto. Do ponto de vista da Petrobras, é mais barato. Agora, a Petrobras não é a Petrobras dona de si mesma. A Petrobras é uma empresa brasileira, onde o governo brasileiro tem ações e, portanto, o governo brasileiro tem poder de, junto com a Petrobras, decidir as coisas estratégicas que a Petrobras tem que fazer. E a gente não tem que pensar apenas no valor unitário de uma plataforma ou de um navio. A gente tem que pensar que esses 100 milhões que a gente vai pagar a menos, [se] feitos lá fora, quantos 100 milhões a gente vai ganhar pagando salários, aumentando o nosso conhecimento tecnológico, fazendo distribuição de renda, pagamento de impostos e aumentando o consumo da população brasileira.

Então, hoje é com muito orgulho, mas com muito orgulho, que eu posso olhar a cara dos meus companheiros da direção da Petrobras, dos trabalhadores da Petrobras, da imprensa brasileira, e dizer: nós vencemos essa parada. Hoje a Petrobras, os estaleiros brasileiros e o Brasil produzem as suas plataformas aqui no Brasil e, cada vez mais, nós participamos da



inauguração de estaleiros. A Petrobras também, além das plataformas, está encomendando quase 200 e poucos navios: 140 navios grandes e 70 e poucos navios de apoio às plataformas do pré-sal que ficam a 300 quilômetros de distância da costa marítima. Isso vai gerar mais uma quantidade de estaleiros e mais uma quantidade de trabalhadores.

Vou contar uma história para vocês. Em 1990 eu fui passar férias em Angra, na casa de um companheiro, deputado federal do PT hoje, Márcio, o nosso companheiro Luiz Sérgio, que foi prefeito de Angra. Ele arrumou uma casa e eu fui passar um tempo lá. O estaleiro, que já tinha tido 9 mil metalúrgicos, tinha menos de mil metalúrgicos. O restante estava nas praias de Angra, vendendo cerveja nesses isoporzinhos que a gente vê as pessoas vendendo na praia.

Portanto, a indústria naval, que já tinha tido, na década de 70, 50 mil trabalhadores no Brasil, que tinha sido reduzida, no ano 2000, a apenas 1.600 trabalhadores, hoje a indústria naval brasileira volta a ter 50 mil metalúrgicos trabalhando na indústria naval brasileira, construindo navios, construindo plataformas, construindo sondas, construindo estaleiros e construindo muito mais coisas.

Eu aprendi, desde pequeno, que não existe nada fácil. Só tem algumas coisas fáceis, na vida, que a gente pode fazer. Casar com uma mulher rica: os pais dela são muito zelosos e criam uma dificuldade imensa para um pobre se casar com uma mulher rica. Roubar: extremamente perigoso. Você pode não ser pego, mas pode ser pego. A outra é você trabalhar, a outra é você estudar, e estudando e tendo uma profissão, você ganhar o seu dinheiro honestamente. É exatamente isso o que eu vejo na cara de vocês, é exatamente isso o que eu vejo na cara de milhões e milhões de brasileiros, espriados por este país afora, que querem apenas ter uma oportunidade e, por essa oportunidade, poderem levar para casa, todo santo dia, o pão de cada dia, a carne de cada dia, o feijão e o arroz de cada dia, que é isso o que valoriza as pessoas.



Nós aprendemos a acreditar neste país, nós aprendemos a acreditar que este país é grande. Olhem o mapa do mundo e vejam o tamanho do País, e um país do tamanho do Brasil não pode ter dirigentes com a cabeça do tamanho de alfinete. Precisa ter dirigentes que pensem grande, que acreditem neste país e que ousem fazer as coisas.

Eu dizia agora na Replan, lá em Paulínia, quando fomos inaugurar a Unidade de Propeno. Eu dizia: o Brasil hoje é o décimo-terceiro país do mundo em produção científica, nas revistas especializadas. Nós passamos a Rússia. Quem imaginava, quem acreditava nisso? Nós, que criamos o PAC da Ciência e Tecnologia, colocando R\$ 41 bilhões para investimentos em ciência e tecnologia. É por isso, gente, que nós estamos fazendo investimentos em Educação, como nunca foi feito neste país.

[Quero] aproveitar que eu estou na frente de vocês e dizer o seguinte: de 1909 a 2003, o Brasil, em 97 anos, construiu 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214 e neste ano – só neste ano – eu vou inaugurar 100 escolas técnicas profissionais neste país. Universidades, além das 14 universidades federais novas, nós vamos inaugurar 98 campi, espalhados por este país afora, levando a universidade para o interior, para a menina e para o menino do interior não terem que vir para a capital, disputar uma vaga.

Nós criamos o ProUni, que cansaram de me acusar, que fazer o ProUni seria rebaixar o nível do ensino. Depois de quatro anos, os melhores alunos deste país são exatamente os quase 500 mil pobres da periferia que estudaram em escolas públicas, 40% deles negros, que são os melhores alunos das universidades brasileiras. Quando nós quisemos criar o Reuni, a pequena burguesia, que já tem escolas a vida inteira, quebrou até reitorias neste país, e muitas reitorias. Qual era o crime que nós queríamos cometer? Nós queríamos aumentar, de 12 alunos em média, por professor, em sala de aula, para 18 alunos em sala de aula. Sabem o que a fina flor da elite dizia? “Vai colocar muitos alunos em sala de aula, vai ser difícil aprender”. De 12 para 18 [alunos].



Nós fizemos. Só isso fez com que neste ano, Gabrielli, a gente dobrasse o número de alunos em vagas novas na universidade. Desde que o Brasil construiu suas 54 universidades, a gente renovava 113 mil alunos por ano. Este ano, renovamos 227 mil alunos. Portanto, dobramos nas escolas federais o número de alunos estudantes. E isso é ótimo, isso é bom, porque a Petrobras não chegou ao que é pela cara dos seus dirigentes, não! Pela barba do Gabrielli, pelos olhos do Paulo Roberto, não! A Petrobras chegou ao que é porque a Petrobras soube durante muito tempo investir em uma coisa que é sagrada, investir no conhecimento, formar gente, qualificar profissionais que hoje disputam com qualquer profissional do mundo e ganham. É por isso que nós viramos a empresa que tem mais tecnologia para prospecção em grandes profundidades. É por isso que nós descobrimos o pré-sal.

Para descobrir o pré-sal, a gente teve que ir além daquilo que a gente conhecia. Não foi um mergulho de 100 metros. Tivemos que dar um mergulho de 2 mil metros. Depois que mergulhamos 2 mil metros, precisamos virar um tatu e cavar mais 2 mil metros de rocha. Depois encontramos sal, compramos picanha e mergulhamos para colocar sal nela - mais 2 mil metros de profundidade. E fomos achar petróleo a 6 mil metros de profundidade, o que é uma façanha extraordinária! No dia 1º de maio, a gente começou a tirar o primeiro barril de petróleo. E vamos tirar... E vamos tirar petróleo... E vamos tirar petróleo, até que daqui a alguns meses a gente possa começar a produzir em escala comercial e industrial.

Aí esse petróleo vai lá para a refinaria, lá no Maranhão – uma refinaria de 600 mil barris dia; outra no Ceará – de 300 mil barris dia; outra no Rio Grande do Norte – menor. Porque a gente não vai querer vender petróleo cru, não. Não vem a Opep querer convidar a gente para entrar na Opep, porque a gente não tem interesse. Nós queremos é vender derivados de petróleo e saber... E saber que uma parte desse dinheiro do petróleo, uma parte desse dinheiro do petróleo, no marco regulatório que nós vamos fazer, é para cuidar



de duas coisas fundamentais, que não foram resolvidas no século XX e estão começando a ser resolvidas no século XXI. Uma parte desse dinheiro do petróleo do pré-sal é para a gente cuidar de duas coisas: educação e combater a miséria do nosso país. E aí, nós vamos trabalhar para que os que vierem depois de nós encontrem um Brasil mais calejado, mais maduro, com melhor qualidade de vida, com melhor formação profissional, porque, José Sergio, companheiro Lobão e Graça, acreditar na gente é 50% do sucesso que a gente tem. Acreditar na gente!

Eu vou contar um casinho pequeno para vocês: em 1974 [2004], eu recebi uma professora do Instituto de Matemática Aplicada chamada Sueli Druck. Essa mulher me levou cinco alunos que tinham ganhado a Olimpíada de Matemática. Naquele tempo, a Olimpíada de Matemática era feita apenas em escola privada, não em escola pública. Eu, então... na época o Ministro da Educação era o Tarso Genro, eu disse ao Tarso Genro: por que a gente não faz Olimpíada da Matemática na escola pública?”. Quando eu falei isso, aí começam as pessoas a dizer: “Não, Presidente, escola pública não vai participar. Os alunos não têm interesse. Os professores não têm interesse. As pessoas não estão motivadas. Não faça que vai ser um fracasso”. Eu falei: vamos fazer.

A maior olimpíada do mundo é a americana – quase 7 milhões de jovens. A Argentina tinha 1,2 milhão adolescentes participando. Nós fizemos a inscrição da primeira. Inscreveram-se 10,5 milhões de pessoas. Quando chegou na Olimpíada de 2006, a Justiça Eleitoral - mais rei do que o rei - não deixou a gente fazer sequer uma propaganda da Olimpíada na porta da escola. Não permitiu que a gente falasse Olimpíada. Inscreveram-se 14,5 milhões de crianças. A terceira, 17 milhões de crianças, e na do ano passado se inscreveram 18,3 milhões de crianças da quinta série até o segundo grau. E eu fui agora ao Rio de Janeiro entregar 300 medalhas de ouro, porque já tem aluno que é tetracampeão, tem aluno que é tricampeão, tem aluno que é



bicampeão.

O menino que ganhou o tricampeonato no Ceará – não sei se vocês viram na televisão – ele é tetraplégico, ele não anda, ele não anda. O pai dele para levar ele na escola, o levava em um carrinho de pedreiro, sentado no carrinho para a escola. Agora ele está chique porque os professores estão indo à casa dele para dar aula. Mas ele ganhou o tricampeonato de medalha de ouro. Um moleque desses, que era para estar desanimado: “por que eu vou participar de Olimpíada? Eu não sou nada, estou aqui na cadeira, todo destroçado, eu estou aqui...”. Não, ele é o exemplo de que muitas vezes a doença que a gente tem não é física, a doença que a gente tem é dentro da cabeça, é fraqueza de não querer enfrentar adversidade, fraqueza de não querer enfrentar coisas difíceis. Esse é o grande problema, e nesse país nós aprendemos a vencer obstáculos, aprendemos a vencer obstáculos, e posso dizer para vocês: um dos pilares que eu tenho para vencer o mundo é a Petrobras, é o centro de excelência, é o biocombustível, é o álcool, é o biodiesel, é o gás. Gás, há dois anos nós fizemos uma discussão em Brasília, a gente estava em uma crise na Bolívia, uma crise profunda: não tem gás, não tem gás, não tem gás, não tem gás. Fizemos uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética. Decidimos criar o Plangás. Hoje nós já temos gás. Não temos tudo o que queremos, mas já temos mais do que tínhamos e certamente... Já importamos até navio. Vocês não sabem o que é importar um navio de gás. Ele vem congelado a 160 graus abaixo de zero. Já pensou botar a mão numa coisa a 160 graus abaixo de zero? O cara não aguenta isso nem em lua-de-mel, a 160 graus abaixo de zero o cara morre! Pois esse gás vem a 160 graus, nós importamos de Trinidad e Tobago, vamos importar da Argélia, de quem quiser, para a gente poder ter uma matriz energética independente, porque este país, do tamanho que ele é, não pode ficar dependente dos Estados Unidos, ele não pode ficar dependente da Europa, ele não pode ficar dependente da Bolívia. Ele tem que ficar dependente da sua capacidade



intelectual, da sua capacidade científica, da sua capacidade tecnológica e da capacidade do seu povo. Somente assim a gente vai poder andar pelo mundo de cabeça erguida, conversar de igual para igual com o Presidente dos Estados Unidos, conversar de igual para igual com a Primeira-Ministra da Alemanha, com o Primeiro-Ministro inglês, sem se sentir menor, porque quando a gente senta à mesa menor, perde a parada.

A primeira reunião sindical que eu fui fazer com a Fiesp em 1975, se não me falha a memória, a cadeira da Fiesp era assim: os patrões se sentavam mais alto e a gente se sentava mais baixo. Então, [a gente] ficava olhando para eles assim... já estava quase perdido o jogo. Então, espera aí, vamos colocar as cadeiras em igualdade de condições: nariz com nariz, meu filho, nariz com nariz. É assim que o Brasil tem que ser, é assim que o Brasil está sendo, e é por isso que a gente pode hoje olhar na cara de prefeitos do PMDB, do PFL, do PSDB, do PDT, do PTB. Eu duvido que tenha um prefeito que me diga que, por causa de ele ser de um partido diferente, deixou de receber um tratamento republicano do governo federal. Para mim não importa o prefeito, o prefeito é apenas o síndico da cidade. O que importa é se ele está legislando e atuando em benefício do povo da cidade. E aí, a nossa conversa é fazer com que os prefeitos possam atender cordialmente o povo.

E quando a gente vem a Cubatão em uma época de crise, e vê que essa construção aqui está gerando aproximadamente 2.800 empregos, 2.700 empregos, daqui a pouco os terceirizados da construção civil vão para outra que nós vamos fazer, depois vão para outra. Eu achei maravilhoso porque aqui dentro eu encontrei - aquele pessoal de macacão - gente de Pernambuco, da Bahia, de Sergipe, de Minas Gerais, do Maranhão, do Piauí. Tinha até de Garanhuns, gente! Até de Garanhuns! Além d'eu, tinha outro! Vocês gostaram do "além d'eu"? Além d'eu, tinha outro! Já somos dois. Era eu sozinho, e já tem mais um aqui! Está muito fácil para a gente ganhar o jogo, muito fácil. Então, quando eu venho aqui e vejo isso, eu volto para casa realizado. Volto para



casa realizado porque eu sei que não tem patrimônio maior para um homem e para uma mulher do que trabalhar, ter carteira profissional assinada e saber que todo santo dia os seus filhos vão comer às custas do seu trabalho. Essa é uma conquista de uma grandeza incomensurável. Uma mulher trabalhar e não ter que ficar pedindo para o marido R\$ 10 para comprar uma peça íntima, para comprar um batom, para comprar uma meia, para comprar qualquer coisa. Uma jovem trabalhar, um menino ou uma menina, e não ter que pedir dinheiro para o pai. Eu vejo lá em casa, meus filhos quando pedem – agora não pedem mais, mas falavam: “Mãe, me dá 10 pilas”. Eu me lembro do discurso que a gente fazia: dez é demais, não vai gastar dez, e não sei das quantas. Eu falava: se fosse eu, ia embora e não precisava do dinheiro.

Então, a coisa... Já pensou você receber o seu salário e falar: hoje eu vou à loja e vou comprar uma coisa minha. Eu vou comprar o meu disco, eu vou comprar a minha roupa, eu vou comprar o meu sapato, o que eu quiser. Tem coisa mais fantástica do que isso? Então, quando eu chego aqui e vejo vocês trabalhando, eu falo: antes de tudo, vocês já se tornaram brasileiros de primeira categoria, que são esses brasileiros que nós queremos para os 190 milhões de brasileiros.

Parabéns, Graça. Parabéns, José Sergio. Parabéns, Petrobras. Parabéns aos trabalhadores da Petrobras e aos trabalhadores terceirizados.

Eu sei que os trabalhadores terceirizados estão em uma *huelga*. Estão fazendo uma grevezinha aí, que era para ter um acordo hoje. Eu fiquei sabendo que a diferença é de apenas 2 ou 3%. Eu não sei quem é o empresário, mas eu queria pedir, se a Petrobras puder ajudar. Não é por causa de 2 ou 3%, para uma folha de pagamento tão pequena, que a gente vai deixar de acertar.

Eu acho que o momento nacional é um momento de solidariedade. É o momento de todos nós nos darmos as mãos e não deixar que os menores, que os mais fracos, sejam derrotados. Se tem uma crise, ela não é culpa do



trabalhador, ela não é culpa do Brasil, ela não é culpa da Argentina, do Paraguai, do Uruguai. Ela é culpa do sistema financeiro internacional que, um belo dia, resolveu ganhar dinheiro às custas da especulação, vendendo papel e comprando papel, vendendo papel e comprando papel, sem produzir uma máquina fotográfica, sem produzir um computador, sem produzir uma caneta, sem produzir um lápis, sem produzir um sapato, apenas na especulação.

Então, por favor, se puderem fazer o acordo, façam, porque não é justo que os menores, que não devem ganhar muito, paguem mais uma crise que eles não criaram.

Um abraço. Que Deus abençoe todos nós.

(S211A)